

# A lenta agonia de um paciente terminal

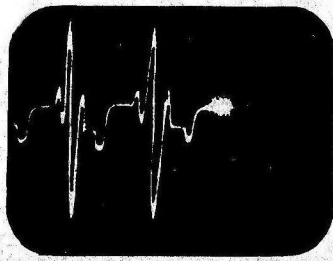
SUELI SANTOS  
Da Editoria de Cidade

O Hospital de Base de Brasília (HBB) está agonizando. Trata-se de um paciente terminal sem qualquer chance de sobrevivência. Dois anos depois de iniciadas as obras para uma reforma profunda, por determinação do governador José Azevedo, o HBB piorou. Permanece a situação de caos e agonia anterior à reforma, agora com vários agravantes.

Em agosto de 1986, a situação das unidades de Neurologia e Neurocirurgia era péssima, hoje, evoluiu um pouco. O 3º andar, onde funcionavam aquelas unidades, está totalmente desativado. Em agosto do ano passado o Departamento de Engenharia e Transportes (DET) da Fundação Hospitalar garantia que em três meses, ou seja, em novembro, as obras do 4º andar do pronto-socorro estariam concluídas. O andar foi interditado em função de rachaduras e infiltrações no teto. Conclusão: apenas metade das obras foi concluída, quase um ano depois.

## DESORGANIZAÇÃO

O 8º andar do pavilhão de internamentos, em 1987 já estava



## HBB NA UTI

em obra. Hoje, continua do mesmo jeito. Sem qualquer definição de local para onde os pacientes devem ser removidos, à medida que as obras avançam, o HBB é a imagem da desorganização, da má administração e do descaso das autoridades responsáveis pelo setor.

Doentes espalhados pelos corredores, macas colocadas no chão, pacientes recém-operados fazendo pós-operatório no pronto-socorro, sujeitando-se a contrair infecções, e contradições inexplicáveis: no 9º andar, que já passou pela reforma, sobram leitos, e está parado por falta de recursos humanos.

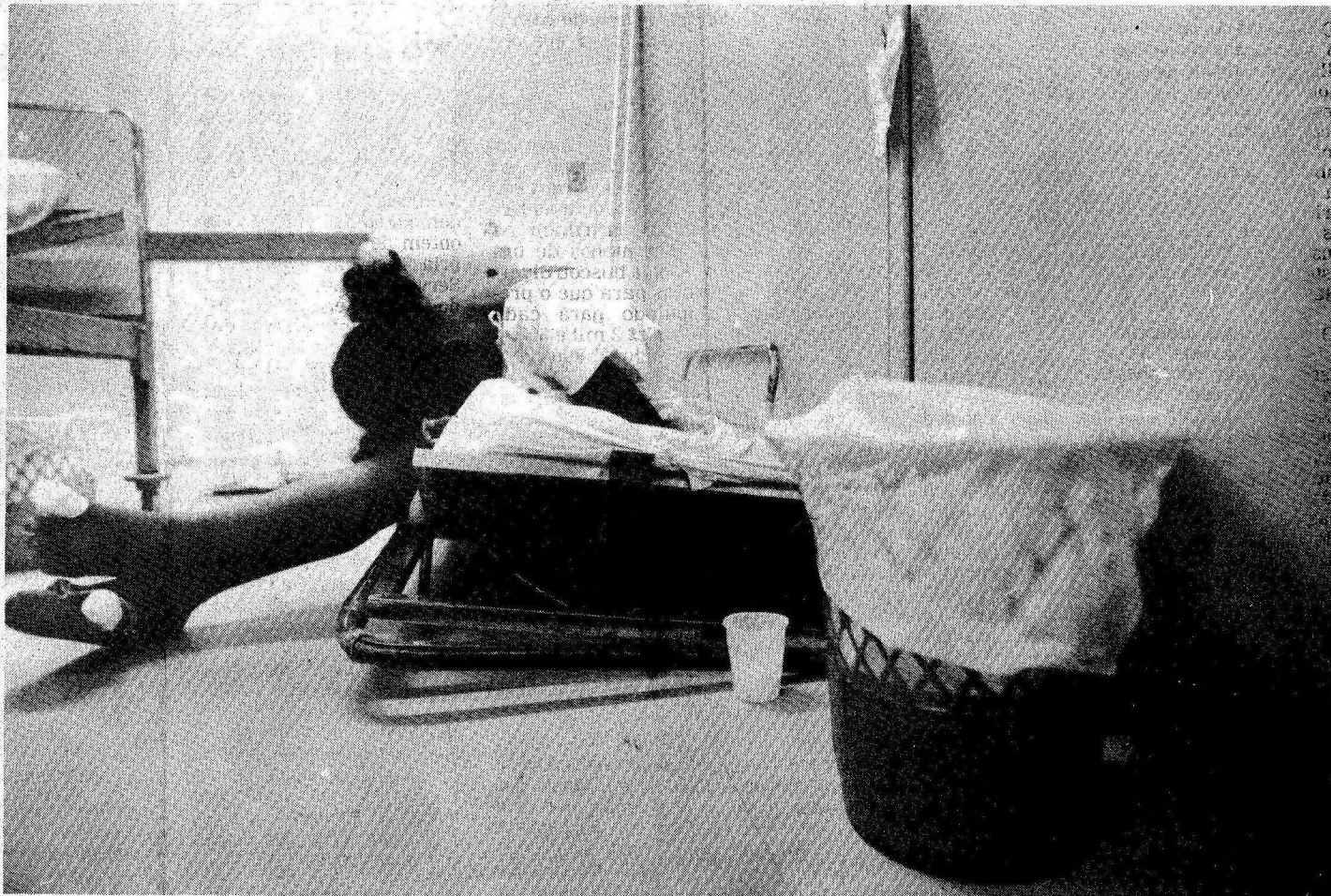
Roupa do hospital não tem nem para as cirurgias. O suprimento de vestuário para médicos e auxiliares — lençóis, fronhas, material para ser utilizado no cen-

tro cirúrgico — são só trapos. Isso mesmo, pedaços de roupa velha que são emendados pela costureira do hospital. De novo uma contradição: pode-se encontrar no pronto-socorro, pacientes usando lençóis descartáveis, infinitamente mais caros que os de tecido.

Higiene? Roupa jogada pelos corredores é a melhor resposta. Aliás, do pouco de que dispõe o hospital, permanece horas nos banheiros e escadas. Medicamentos? O HBB não tem sequer novalgina. E há para completar este capítulo, a falta de seringas descartáveis. O hospital dispõe das de vidro, mas só se arrisca a usá-las o doente que chega em estado desesperador e não tem como declinar do uso da seringa de vidro. Este é, em linhas gerais, o ralo-X do Hospital de Base de Brasília, criado há 28 anos com uma concepção moderna de medicina preventiva.

Inútil tentar manter abertas as portas do HBB. É hora de alguém responder por que a instituição continua funcionando. Que se leve adiante a idéia de remover os pacientes internados para outros hospitais da rede hospitalar do Governo, para que as obras sejam concluídas o mais rápido possível, antes que acabem de matar o HBB.

MARCOS HENRIQUE



O estado de abandono da paciente, largada num canto qualquer, reflete bem a atual situação do Hospital de Base

## Idéia era construir uma casa de saúde

Em setembro o Hospital de Base estará completando 28 anos. A época da construção, a concepção reinante era a de fazer uma casa de saúde particular para atender as pessoas endinheiradas e, posteriormente, construir um hospital mais simples para os pacientes de baixa renda.

Mas os pioneiros decidiram mudar tudo e pensaram em dotar a cidade de um sistema médico-hospitalar digno da grandeza de Brasília, sem pensar em ricos ou pobres. Ernesto Silva, então diretor administrativo da Novacap, foi incumbido de outras funções: dirigir a educação, saúde e assistência social da cidade, além de permanecer dedicando assistência aos candangos que trabalhavam nos canteiros de obras.

Com o prefeito Israel Pinheiro e o médico Mário Pinotti, foram fixadas as normas gerais da distribuição das unidades de saúde e, já em meados de 1958, esboçou-se a obra que iria se transformar, mais tarde, no primeiro hospital distrital. E

assim foi feito. No dia 21 de abril de 1960 já estavam instalados no andar térreo do Hospital de Base um serviço de pronto-socorro e alguns leitos, ainda que em condições precárias. Em matéria de recursos humanos, médicos, enfermeiras e auxiliares foram selecionados por méritos, prova de títulos e outros admitidos mediante comprovação de experiência.

## “Reforma do HBB vai começar na segunda-feira 13 de setembro de 1986”

Para equipar o hospital realizou-se concorrência para aquisição do material mais simples, de fabricação nacional, e uma outra, de âmbito internacional, com a finalidade de dotar o HBB do equipamento mais moderno que existia no mundo naquela época.

Começava aí uma importante

revolução que daria novos rumos à assistência médico-hospitalar do País, com a aplicação da medicina preventiva e de reabilitação, dentro do que havia de última palavra em matéria de avanço tecnológico.

Mas em 1985, quando o hospital comemorava 25 anos, o pioneiro e um dos maiores responsáveis pela obra, Ernesto Silva, já comentava desiludido, em artigo publicado no CORREIO BRAZILIENSE: “Infelizmente as autoridades da época não entenderam o alcance de nossas idéias renovadoras, como até hoje não percebem. E minha esperança que os novos dirigentes, que agora tomam o leme da Capital e do País, levem em conta as idéias simples e necessárias que o seu Plano de Saúde previa em 1959”.

O Hospital de Base é administrado pela Fundação Hospitalar (FHDF), que cuida também de outros nove e mais 41 postos de saúde. Trata-se, hoje, de uma das maiores entidades médico-hospitalares do País. E para a FHDF o recado de Ernesto Silva.

## Um gigante adormecido

Em 1960, quando ainda era Hospital Distrital, a instituição foi considerada gigantesca. Em um prédio central de 11 andares, funcionavam as clínicas de todas as especialidades. Ao lado, era o pronto-socorro, com amplo estacionamento.

A partir da construção do novo pronto-socorro — um edifício de quatro andares — a idéia era desafogar o velho e construir consultórios para atender os pacientes de ambulatório, como permanece ainda hoje. Só que o ambulatório está reduzido pela metade em função das obras de ampliação para colocação dos muitos aparelhos de raios-X, jogados nos corredores. E os consultórios, alguns de madeira, também foram reduzidos pela metade e funcionam improvisadamente.

O HBB dispõe de duas grandes caldeiras, uma lavanderia (em obras), uma costuraria e uma cozinha. O novo pronto-socorro, projetado para atender 70 pessoas, abriga hoje mais de 150, fugindo totalmente às normas técnicas e ao planejamento inicial. Existe ainda o subsolo do pronto-socorro, onde funcionam a odontologia, psiquiatria, um pequeno centro de recuperação e outras clínicas.

E o imponente prédio de outrora está se arrastando. Funcionando apenas com um elevador que carrega doentes, comida para os internados, gente que morre. É o retrato da decadência.

## Faltam médicos, elevadores, roupas...

A pergunta é velha, e a resposta muito mais. Você precisa de atendimento médico de emergência? Pegue um avião e vá para o Rio de Janeiro ou São Paulo.

De melhor e maior hospital da região para onde as cidades-satélites encaminhavam seus pacientes mais graves, o HBB transformou-se no pior. Faltam credibilidade e condições mínimas de higiene e a população está convencida de que não pode contar com o atendimento hospitalar confiável, que outrora caracterizou o HBB. Desde 1982, quando o então senador Magalhães Pinto, num rasgo de ironia, disse que o melhor hospital de Brasília é a ponte aérea, o HBB vem caindo no conceito da população.

A morte do ex-presidente Tancredo Neves selou o destino da instituição, que sofre hoje de superlotação do serviço de emergência, falta de medicamentos, aparelhos de raios-X, elevadores, roupas e até de profissionais. O HBB não dispõe mais de plantonistas especializados em áreas importantes, como Urologia. No ambulatório de otorrino o especialista não tem o aparelho necessário para exame mais apurado do paciente. No pronto-socorro são encontrados pacientes internados com doenças contagiosas junto com outros que sofreram apenas mal-estar.

Nos guichês os cartazes avisam: “Não há vagas para o mês de junho”. “Raios-X, só para os pacientes internados”, adverte outro. “Raios-X: procurar o

hospital de sua localidade”, diz um outro aviso.

Tudo isso sugere uma pergunta: “Onde procurar os especialistas então? Fora da cidade sim, mas para as pessoas de posse. E para os que mal juntam o dinheiro da passagem de ônibus para chegar ao hospital?”

É interessante notar que tudo funciona na base da contradição. Existem no HBB várias caixas com equipamentos comprados pela Fundação Hospitalar e que permanecem pelos corredores há quase dois anos. Descaso ou falta de recursos pa-

ra agilizar a instalação dos equipamentos radiológicos avaliados, ano passado, em quase 700 mil dólares?

Os aparelhos chegaram em junho de 1986 e até hoje não foi definido o local onde poderão ser colocados. Enquanto isso, semana passada o HBB inteiro funcionava com apenas um aparelho de raios-X. O mais grave de tudo isto é que em janeiro de 1987 o diretor do hospital, Márcio Horta, informava ao CORREIO BRAZILIENSE que em cinco meses terminaria o prazo de garantia dos equipamentos, sem que tenham sido sequer utilizados.

## LEITOS

Ido equipamento não há muito o que falar, porque as caixas estão espalhadas pelo térreo do HBB entregues às baratas e telas de aranha, como aliás está o hospital inteiro. Com um atendimento diário que varia de 800 a 1 mil pessoas por dia, o Hospital dispõe hoje de apenas 816 leitos, com um detalhe: sem roupa de cama. Para o pessoal que trabalha na instituição é uma pena que ela tenha apodrecido.

— Eu me lembro que há cinco ou seis anos estava sempre disposta a dar o melhor de mim para o hospital. Gosto daqui, mas agora não há mais condições de me imbuir do espírito de fazer alguma coisa para salvá-lo. Jamais pensei em entregar os pontos, mas não resolve mais lutar — lamentou uma funcionária.



F. GUALBERTO



Caixas com aparelhos de raios X ainda continuam nos corredores

F. GUALBERTO



Na porta do elevador, a prova de uma administração ruim